

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCAL NOS MUNICÍPIOS DE SALINÓPOLIS E SÃO JOÃO DE PIRABAS NO SALGADO PARAENSE

THE SEXUAL DIVISION OF WORK AND LOCAL ECOLOGICAL KNOWLEDGE IN THE MUNICIPALITIES OF SALINÓPOLIS AND SÃO JOÃO DE PIRABAS IN SALGADO PARAENSE

Thaís Mayara da Silva CARVALHO

<thaissmcv@gmail.com>

Mestranda em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários (BAIP) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9998063382834648>
<https://orcid.org/0000-0003-0942-5227>

Regina Oliveira da SILVA

<oliveira@museu-goeldi.br>

Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil
Professora da Pós-graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi (PPGDS-MPEG), Belém, Pará, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9980901112720599>
<https://orcid.org/0000-0003-0557-8584>

RESUMO

Neste artigo iremos abordar os estudos para a criação de Unidade de Conservação de Uso Sustentável em dois municípios da costa paraense foram realizados em 2016. Utilizamos dados secundários institucionais com o objetivo de caracterizar e analisar o uso de recursos naturais em territórios a serem protegidos. Por meio de análises de estatística descritiva e com o uso do programa Anthropic Free lists, este estudo focou em questões de gênero. As atividades econômicas em Salinópolis são a pesca (96%), a agricultura (70%) e cata de mexilhões (44%) e em São João de Pirabas a pesca (93%), a agricultura (65%) e a criação de animais (37%). A divisão social do trabalho nas localidades é marcada por papéis de gênero. Em ambos os municípios as atividades exclusivamente femininas são as do ambiente intradomiciliar como a cata da massa do caranguejo, criação de animais; enquanto as masculinas se dão no ambiente extradomiciliar como a pesca e o extrativismo vegetal. O uso da flora também ocorre no ecossistema manguezal. As espécies mais citadas pelas mulheres em ambos os municípios foram as frutíferas, já os homens as espécies de sua área de atividades laborais. O uso de recursos naturais é conhecido e realizado por homens e mulheres, no entanto, as diferenças ocorrem na valorização do trabalho e sua e monetarização.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Manguezal Paraense; Populações Tradicionais.

ABSTRACT

Studies for creation of a Sustainable Protected Area in two municipalities on the coast of Pará were conducted in 2016. We used institutional secondary data with the objective of characterizing and analyzing the use of natural resources in territories to be protected. Through descriptive statistics and Anthropic Free lists program, this study focused on gender issues. The economic activities in Salinópolis are fishing (96%), agriculture (70%) and collecting mussels (44%). in São João de Pirabas, economic activities are restricted to fishing (93%), agriculture (65%) and farming animals (37%). The social division of labor in studied localities is marked by gender roles. In both municipalities, exclusively female activities are those of intradomicile environment, such as collecting crab cakes and raising animals, while the male works take place in the extra-



domestic environment such as fishing and plant extraction. Use of flora resources accrues mostly from mangrove ecosystem. The species most cited by women in both municipalities were fruit trees, while most mentioned species by men correspond to types applicable at their work activities. Anyway, the use of natural resources is developed both by men and women. However, there are differences regarding their valuation and monetization.

KEYWORDS: Gender; Paraense Mangroves; Traditional Population.

1. INTRODUÇÃO

A criação de áreas protegidas é uma estratégia global para a conservação e a proteção da biodiversidade. As Unidades de Conservação (UCs) têm como objetivos a manutenção dos recursos naturais. Dessa forma, elas são categorizadas como Proteção Integral e Uso Sustentável. Esta última categoria admite a presença de moradores e objetiva compatibilizar a conservação da natureza e o uso sustentável dos recursos naturais reconhecendo as culturas das populações locais, como é o caso das Reservas Extrativista (Resex). São regidas pela Lei 9985/2000 que instituiu o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC) (MMA, 2020).

Entretanto, mesmo com a legislação em vigor, existem conflitos na apropriação e uso desses territórios. As divergências de interesse na gestão de UCs prejudicam as populações tradicionais viventes nos locais, sobretudo na região Amazônica (PEREIRA; TREDEZINI, 2011; COSTA; SOBRINHO; ROCHA, 2018). Tais conflitos podem determinar alterações no ambiente, resultando na perda da socio biodiversidade (TEIXEIRA; MOREIRA; DA SILVA, 2018; REZENDE, 2020). Dessa forma, por ser um espaço no qual se confrontam interesses distintos sobre o território, a importância da participação da população residente não se dá apenas no uso dos recursos naturais, mas também nas dimensões sociais, culturais e econômicas (JUNIOR et al. 2018). Desse modo, o conhecimento tradicional local dessas populações extrativistas acerca da conservação e do uso dos recursos naturais acaba sendo ameaçado.

De acordo com Diegues e Arruda (2001) o conhecimento tradicional é o conjunto de saberes e saber-fazer do mundo transmitidos de geração em geração por meio da oralidade. Sendo assim, o conhecimento dessas populações associado a conservação, extrativismo e uso da biodiversidade traz uma rica discussão sobre o papel das populações tradicionais na criação de



territórios protegidos. A manutenção dos saberes tradicionais é de extrema importância, pois eles traduzem uma interação mais sustentável com o meio ambiente. Segundo Ferreira (2014) é necessário compreender a cultura dessas populações e seus etnoconhecimentos sobre técnicas, produções e manejos que permitam a manutenção sustentável para seus territórios.

A região do salgado paraense é ocupada por populações que têm relações diretas com a natureza, principalmente com os rios, o mar e o ecossistema do mangue, tendo em vista que é nesses ambientes que as famílias realizam as atividades que permitem sua reprodução social (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

O manguezal é um dos ecossistemas do Salgado Paraense. Esse ecossistema é típico de regiões de floresta tropical ou subtropical e são considerados ecossistemas em transição entre o mar e o continente formando áreas de estuários para o desenvolvimento da fauna e flora específica (ALMEIDA, 2020). Segundo Oliveira, et al (2018) as comunidades costeiras, principalmente as que vivem em vilas e povoados em torno do mangue, empreendem formas diferentes de viver, utilizando geralmente o recurso que o ecossistema oferece.

Nessas regiões, por exemplo, ao homem cabe a ir ao mangue extrair o caranguejo, já a mulher é responsável pelo tratamento e retirada da carne e seu preparo para a venda. Tal rotina, conforme Hirata e Kergoat (2007) caracteriza a organização da divisão social e sexual do trabalho.

Os conhecimentos compartilhados pelas mulheres colaboram para a educação e preservação do conhecimento local, além da conservação dos recursos naturais, desenvolvendo uma educação em torno da sustentabilidade. Essas práxis educativas são de suma importância, pois contribuem com um viés crítico e inovador para transformações sociais (DO ROSÁRIO, 2010). Nessa perspectiva, Leal et al. (2020) destacam que as mulheres detêm grande parte do conhecimento tradicional sobre as plantas, sementes e técnicas de plantios, uma vez que elas estão ligadas ao ambiente e produção de alimentos para o autoconsumo.

Autores afirmam que a relação das populações tradicionais com o ambiente está fortemente organizada a lugares de gênero. Sendo assim, as atividades masculinas estão predominantemente ligadas a algo fora do ambiente doméstico, já as mulheres estão intimamente ligadas aos afazeres domésticos, como cuidar da casa e dos animais capturados pelos maridos



(VIEIRA et al. 2013; FIGUEIREDO; PROST, 2014; FREITAS et al. 2015). Além disso, a estrutura social existente assume que a principal função da mulher é a domesticidade, e tal fator implica no mercado e autoconsumo inserindo as mulheres em atividades de menor valor comercial, menor monetarização e menor valorização da atividade enquanto trabalho (VIEIRA et al. 2013).

O objetivo deste trabalho foi caracterizar e analisar o uso de recursos naturais com foco em estudo de gênero. Analisou-se a partir de dados secundários, o papel da mulher e o seu conhecimento ecológico local, identificando a divisão social do trabalho relacionada ao uso dos recursos da flora por homens e mulheres.

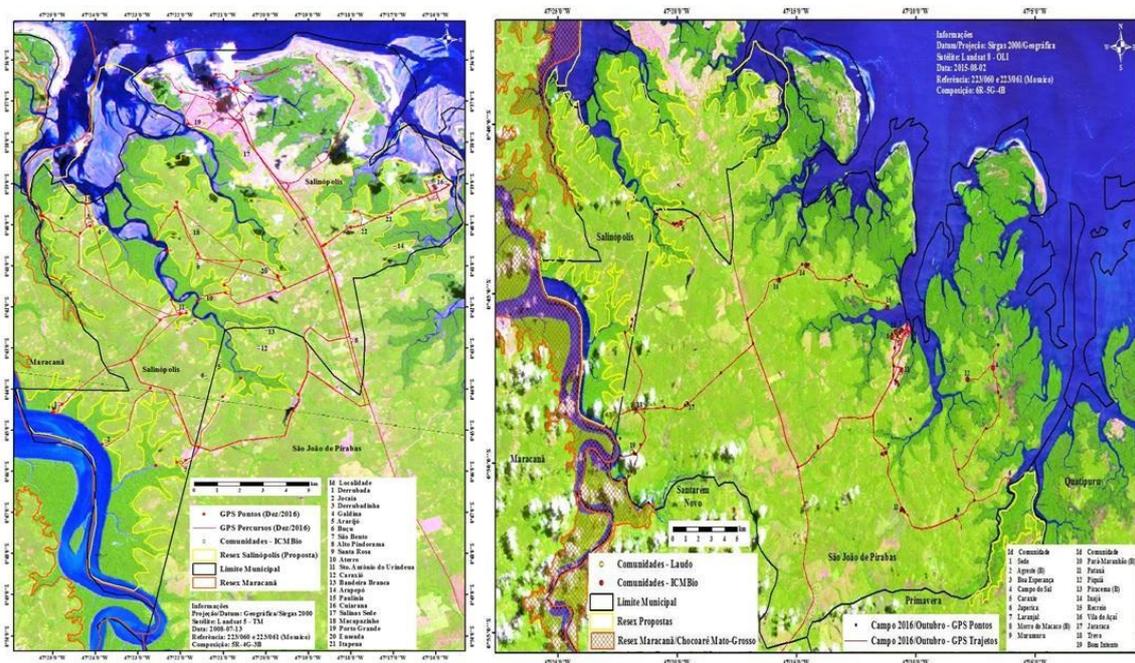
2. MATERIAIS E MÉTODOS

Os estudos para criação de territórios protegidos localizado no Nordeste Paraense foram realizados em 2016 tendo como objeto atender as reivindicações das comunidades localizadas nos municípios de Salinópolis e de São João de Pirabas. Estes territórios compreendem áreas costeiras banhadas pelo Oceano Atlântico e formam uma das maiores regiões de manguezais do país. De acordo com Souza et al. (2018), o manguezal é um ecossistema encontrado nas zonas entre marés de regiões costeiras, compreendendo um sistema de estuário, sendo áreas de abrigo, reprodução, desenvolvimento de várias espécies.

De acordo com Carvalho e Jardim (2019) além de toda biodiversidade que o manguezal proporciona, o ecossistema também é fonte de recreação e lazer, além de ser altamente produtivo, uma vez que seus recursos extrativistas vêm garantindo ao longo dos anos a sobrevivência das populações que vivem ao seu redor.

No ano de 2016, por meio da parceria entre o Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio) e o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), foram realizados estudos para a “Elaboração de diagnósticos e caracterização socioambiental das áreas propostas para criação e ampliação de Reservas Extrativistas na Mesorregião do Nordeste Paraense”, incluindo os municípios supracitados e as comunidades reivindicantes (Fig. 1).

Fig. 1: Mapas das áreas percorridas identificando as comunidades visitadas. A: Localidades visitadas em Salinópolis, Pará. B: Comunidades visitadas em São João de Pirabas, Pará.



Fonte: Adaptado dos dados de campo.

A cidade de Salinópolis, na zona costeira do Estado do Pará, corresponde ao fragmento da Região Amazônica em contato com o oceano Atlântico. Limita-se a Leste com o município de São João de Pirabas, ao sul e a oeste com o município de Maracaná e ao norte com o Oceano Atlântico. Apresenta elevado potencial ecológico e ambiental, em virtude da alta interação com os fatores naturais (clima, geomorfologia, pedologia, hidrografia, vegetação e mar). São estas interações, que originaram às praias e extensas áreas de campos de dunas e uma considerável área onde predominam ambientes de manguezais (MARINHO, 2009).

Assim como grande parte de municípios brasileiros, Salinópolis sofreu várias transformações socioespaciais que datam do período de colonização, onde surgiram os primeiros núcleos de povoamento formados ao longo da zona costeira. Entretanto, a partir da década de 1960 o município teve seu processo de urbanização intensificado, dessa forma se especializou em função dos atributos paisagísticos agregados, a criação de um polo turístico (SILVA, 2002). Dessa forma,



apresenta uma nova dinâmica na estrutura espacial que se reflete, principalmente, no modo de vida da população local.

De acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, a população total do município de Salinópolis é de 37.421 habitantes que estão distribuídos em uma área de 237.050 km². A densidade demográfica é de 157,57 hab./km² e a estimativa da população em 2018 foi de 40.424 habitantes (IBGE, 2020). Dessas, 4.030 pessoas vivem na zona rural e 33.391 na zona urbana, sendo 19.096 homens e 18.325 mulheres. No município as atividades produtivas concentram-se na pesca, na agricultura, na pecuária e no turismo.

O município de São João de Pirabas pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião do Salgado, está distante cerca de 200 km da capital do estado, Belém. Nessa perspectiva, devido a sua localização litorânea dispõe de praias, dunas de areia branca e áreas de mangue. Além disso, há presença também de um sítio paleontológico em uma das ilhas do município. Távora et al. (2002) destacam que o sítio na ilha de Fortaleza é caracterizado como unidade lito estratigráfica, a qual apresenta um dos mais ricos e variados registros fósseis do período Cenozoico marinho brasileiro.

De acordo com os dados do IBGE para o ano de 2019, estimou-se para o município de São João de Pirabas uma população de 22.207 habitantes. No censo de 2010 sua população foi de 20.647, com população urbana de 10.487 e a população rural de 10.160, sendo 10.760 homens e 9.887 mulheres. As atividades produtivas do município se concentram no revezamento da pesca e da agricultura.

Em relação a coleta e análise de dados para a elaboração deste artigo ressalta-se que além dos levantamentos bibliográficos em artigos, revistas, dissertações e teses; a análise de dados secundários deu-se com posse dos documentos institucionais de campo dos pesquisadores do MPEG, incluindo uma das autoras. Os dados correspondentes às atividades de gênero nesses dois territórios foram obtidos do material original produzido em campo, ocasião em que se realizou os diagnósticos. Portanto, trabalhou-se com os questionários aplicados nas comunidades que foram objeto de pesquisas de iniciação científica, na formação de uma das autoras.



A fim de caracterizar o uso dos recursos naturais com foco no estudo de gênero foram tabuladas e analisadas as respostas dos questionários referentes a esta temática. Para entender alguns aspectos sobre o conhecimento a respeito das plantas, a sua importância e uso nestas comunidades foi utilizado os dados coletados a partir da técnica da lista livre, coletados por meio da pergunta orientadora aplicada em campo: “Quais as árvores que o senhor (a) sabe que existem dentro da área?”.

Segundo Albuquerque et. al. (2004) a lista livre é uma técnica utilizada para extrair informações acerca dos domínios culturais na comunidade estudada, permitindo verificar quais são as pessoas com maior domínio de conhecimentos sobre as plantas.

Além disso, com os resultados da lista livre calculamos a frequência e o Índice da Saliência Cultural (IS) de cada etnoespécie, uma vez que é considerado a frequência da citação de cada item. Sutrop (2001) considera que o IS de cada item da lista livre varia entre 0 e 1, desse modo, itens que têm baixa frequência ou são citados por último tem seu valor próximo a zero, sendo assim, os itens citados pela maioria dos entrevistados que possuem alta frequência têm seu valor mais próximo de um. Para a realização destes cálculos foi utilizado o programa Anthropac Free lists 4.98.

Com isso, a utilização do método de lista livre auxilia no processo de identificação no conhecimento de cada indivíduo, uma vez que elas expressam que o item mais citado tem uma grande importância para aquela cultura sendo utilizadas por uma gama de pessoas, enquanto as menos citadas possuem um baixo domínio cultural pela população, podendo se tratar ainda de plantas reconhecidas apenas por alguns especialistas de uma comunidade (TROTTER; LOGAN, 1986 *apud* CUNHA, 2015; ALBUQUERQUE et al., 2017). É importante ressaltar que o contato com esses itens está na dinâmica do indivíduo com o meio no qual ele é inserido e suas principais atividades realizadas.

Para a identificação da divisão social do trabalho, utilizou-se as respostas contidas nos questionários e que correspondiam a esta descrição. Destarte, as análises dão-se de forma descritiva.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

BREVE CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Os resultados serão apresentados por município. Para o município de Salinópolis foram trabalhados os 27 questionários aplicados. Destes, 19% foram respondidos por mulheres e 81% por homens. Observou-se que o tempo de moradia de ambos os gêneros no município, superam 20 anos. Em relação à faixa etária dos entrevistados 37% têm mais de 55 anos; quanto à escolaridade e renda 52% possuem o ensino fundamental incompleto e 30% vivem com um salário-mínimo (Tabela 1).

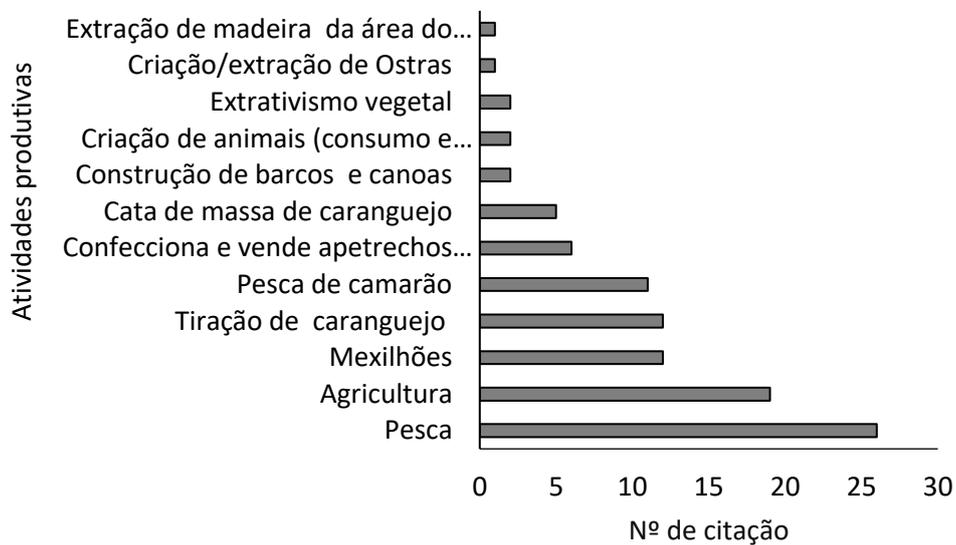
Tabela 1: Dados socioeconômicos dos entrevistados das comunidades de Salinópolis, Pará.

DADOS SOCIOECONÔMICO		
IDADE	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
< 35 anos	3	11
36 a 45 anos	5	19
46 a 55 anos	9	33
> 55 anos	10	37
TOTAL	27	100
ESCOLARIDADE		
Analfabeto	3	11
Alfabetizado	3	11
Fund. Incompleto	14	52
Fund. Completo	3	11
Médio completo	3	11
Superior incompleto	1	4
TOTAL	27	100
RENDA		
Menos de 1/2 Salário-Mínimo	4	15
De meio a 1 Salário-Mínimo	7	26
Um Salário-Mínimo	8	30
Um a dois Salários-Mínimos	5	18
Dois a cinco Salários-Mínimos	3	11
TOTAL	27	100

Fonte: Adaptado dos dados de campo.

No que diz respeito às atividades econômicas em Salinópolis, a pesca (96,2%), a agricultura (70,3%) e o extrativismo de mexilhões (44,4%) foram as mais citadas pelos entrevistados (Figura 2). Destaca-se que alguns entrevistados realizam mais de uma atividade econômica. Carvalho e Jardim (2020) em seu estudo na comunidade do Pesqueiro, demonstram que 20% de seus entrevistados exercem tanta atividade extrativa no mangue quanto a pesca nas áreas marinhas.

Fig. 2: Atividades produtivas desenvolvidas nas comunidades visitadas em Salinópolis, Pará.



Fonte: Adaptado dos dados de campo.

No que diz respeito às comunidades visitadas do município de São João de Pirabas, foram aplicados 29 questionários. Destes, 14% foram respondidos por mulheres e 86% por homens. Em relação ao tempo de moradia, a maioria de ambos os gêneros residem na localidade por mais de 40 anos. Quanto à faixa etária, a média de idade de 34% dos entrevistados está entre 36 e 45 anos, no que se refere à escolaridade e renda, 66% possuem o fundamental incompleto e 35% recebem de meio a um salário-mínimo (Tabela 2).



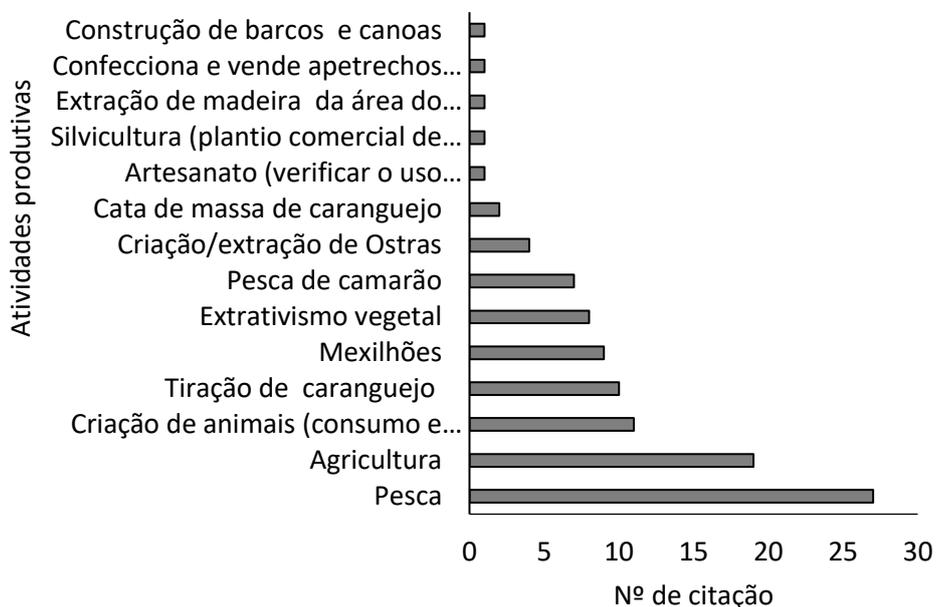
Tabela 2: Dados socioeconômicos dos entrevistados das comunidades de São João de Pirabas, Pará.

DADOS SOCIOECONÔMICO		
IDADE	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
< 35 anos	2	7
36 a 45 anos	10	34
46 a 55 anos	8	28
> 55 anos	9	31
TOTAL	29	100
ESCOLARIDADE		
Analfabeto	2	7
Alfabetizado	2	7
Fund. Incompleto	19	66
Fund. Completo	1	3
Médio completo	2	7
Superior incompleto	3	10
TOTAL	29	100
RENDA		
Menos de 1/2 Salário-Mínimo	4	14
De meio a 1 Salário-Mínimo	10	35
Um Salário-Mínimo	7	24
Um a dois Salários-Mínimos	7	24
Dois a cinco Salários-Mínimos	1	3
TOTAL	29	100

Fonte: Adaptado dos dados de campo.

Em São João de Pirabas as principais atividades citadas foram a pesca (93%), a agricultura (65,5%) e a criação de animais (consumo e venda) (37,9%) (Figura 3). A pesca desenvolvida nessas localidades é uma atividade que está expressa ao longo dos anos e repassada de geração a geração, portanto imbricada na cultura local. O pescador é um importante sujeito social nessas comunidades e a atividade pesqueira é tida como uma das mais marcantes na dinâmica de produção do Salgado Paraense, mesmo não sendo a única atividade desenvolvida por essas famílias (MARINHO, 2017).

Fig. 3: Atividades produtivas desenvolvidas nas comunidades visitadas em São João de Pirabas, Pará.



Fonte: Adaptado dos dados de campo.

GÊNERO

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2016) gênero é conceituado como “socialmente constituído a partir do processo de socialização que determina quais padrões sociais são esperados em homens e mulheres, refletindo em questões sociais e oportunidades relacionadas com ser homem ou mulher”. Segundo Costa e Lima (2015) às discussões acerca de gênero ocasionam constantes divergências de pensamentos e por esse motivo tal problemática gera questões sociais, culturais e históricas, estando em um processo constante de redefinições e ressignificações.

A trajetória de vida de uma mulher é marcada por submissões, ausências e obediências aos padrões impostos socialmente. Fatores que historicamente fazem com que os lugares ocupados por essas mulheres sejam inexistentes, uma vez que, elas deveriam combater quaisquer manifestações emocionais e opiniões, além da sua força produtiva ser sempre desconsiderada



(CORRALO; GIRELLI, 2015). Os papéis de gênero estão presentes também nas comunidades tradicionais com a designação das tarefas exercidas por homens, mulheres e crianças em relação ao uso dos recursos naturais na comunidade e estas relações se destacam em atividades ligadas tanto à subsistência como o dia a dia de cada família (OLIVEIRA; ANDERSON, 1999).

A divisão sexual do trabalho decorre das relações sociais entre os sexos, sendo modulada histórica e socialmente designando ao homem a apropriação de funções voltadas à esfera produtiva e com maior valor social, enquanto às mulheres estão relacionadas a esfera reprodutiva (HIRATA; KERGOAT, 2007). As autoras também sugerem distinção clara de dois princípios da divisão sexual do trabalho:

O princípio da separação – no qual demonstra que há trabalhos de homens e mulheres – e o princípio hierárquico – um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher. Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Assim, foi possível descrever como as questões de gênero se apresentam nas comunidades desde a divisão sexual do trabalho (Quadro 1) ao conhecimento ecológico de homens e mulheres.

Ambos os princípios foram identificados. Algumas atividades foram citadas como realizadas por ambos os gêneros. O trabalho masculino, nas comunidades estudadas ocorre no ambiente extradomiciliar e as atividades exclusivamente femininas estão diretamente relacionadas ao ambiente intradomiciliar. Os homens realizam predominantemente as atividades de extrativismo vegetal, pesca artesanal e tiração de caranguejo. E as mulheres têm como atividades a cata da massa do caranguejo – retirada da carne do caranguejo da sua carapaça, depois de cozido – e a criação de pequenos animais, caracterizando o princípio da separação.

Silva e Maneschky (2020) destacam que o beneficiamento da carne do caranguejo, a catação, é a principal atividade que movimenta a Vila do Treme (Bragança-Pará) e é realizada quase que de forma exclusiva por mulheres em suas casas ou nas fábricas.

A pesca gera mais renda para as famílias, portanto a remuneração recebida por esta atividade masculina é significativa. Alencar (1993) destaca que o mar aparece como um espaço



masculino, sendo um local onde ocorrem as atividades que são tidas como mais importantes para a economia do grupo familiar. Cabe ressaltar que em algumas atividades relacionadas a pesca, a presença das mulheres é vista como “ajuda”. De acordo com [Huguenim e Martinez \(2021\)](#) o trabalho realizado pelas mulheres é a limpeza, a evisceração e o filetagem do pescado. Entretanto, em algumas localidades como é o caso da Resex Mãe Grande de Curuçá localizada no Salgado Paraense as mulheres têm lugar de destaque na economia familiar com a extração de mariscos (SOUZA, 2010).

Quadro 1: Divisão sexual do trabalho nas comunidades visitadas de Salinópolis e São João de Pirabas. Legenda: H: Homem; M: Mulheres; A: Ambos, X+: Gênero predominante.

Atividades produtivas citadas	Salinópolis			S. João de Pirabas		
	H	M	A	H	M	A
Agricultura			X			X
Cata de massa do caranguejo		X			X+	X
Criação de animais		X			X+	X
Confecção e venda de apetrechos de pesca	X			Não citada		
Constroem barcos ou canoas	X			Não citada		
Curralistas (pesca de curral)	X			Não citada		
Extração de mexilhões	X					X
Extração/criação de ostra			X		X	
Extratativismo vegetal	X			X		
Pesca artesanal	X			X		
Pesca de camarão			X	X		X
Tiração de caranguejo	X+		X	X+		X
Frete de canoa	Não citada			X		

Fonte: Adaptado dos dados de campo.

Os saberes tradicionais que são repassados oralmente ao longo das gerações constituem a ciência e o conhecimento ecológico local, o qual é construído por compreensões e “saber-fazer”, as quais ao longo do tempo vão evoluindo e se modificando por meio da observação individual e coletiva, influenciada por fatores culturais e ambientais (OLIVEIRA; VIEIRA; JUNIOR, 2018).



Os conhecimentos acerca das principais atividades realizadas em comunidades tradicionais são repassados para os mais novos desde a infância pela oralidade e com a prática da observação do dia a dia, como por exemplo, as informações acerca dos locais de pesca, identificação da profundidade dos rios e condições de vento (OLIVEIRA; VIEIRA; JUNIOR, 2018). De acordo com Oliveira et al. (2019) os saberes dos povos tradicionais na Amazônia brasileira são dispostos em três dimensões: a formal (escolaridade comum), a não formal (conhecimentos ecológicos locais, advindos do processo de percepção, por meio do fazer geracional) e informal (conhecimentos exteriores ao ambiente escolar como, por exemplo, adquiridos a experiências comuns do cotidiano).

A reprodução dos lugares de gêneros são ensinamentos geracionais. No entanto, os ensinamentos recebidos pelas mulheres, em geral, não são os mesmos repassados aos homens. As jovens pescadoras, por exemplo, aprendem prioritariamente a tratar o pescado (limpar, salgar etc.) com as mães (OLIVEIRA; VIEIRA; JUNIOR, 2018). Segundo Do Rosário (2010) as mulheres são responsáveis pela expansão dos valores baseados na cultura. A autora ressalta ainda a contribuição direta das mulheres na educação com vistas à sustentabilidade.

As populações tradicionais usam a biodiversidade da flora de múltiplas formas. Estudos de Shanley, Cymerys e Galvão, (1998) e Rios et al (2001) demonstram que algumas espécies podem ser utilizadas na construção de casas, na produção de lenha e de artesanatos, além disso, espécies frutíferas são usadas na alimentação e há espécies que são utilizadas para fins medicinais.

As espécies com maior frequência de citação entre as mulheres em Salinópolis foram o Muruci (*Byrsonima* sp.) com 66,7%, seguida pelas Mangueiro (*Rhizophora* sp.), Mangueira (*Laguncularia* sp.), Bacuri (*Platonia* sp.), Barbatimão (*Stryphnodendron* sp.), Coqueiro (*Cocos* sp.), Marupá (*Simarouba* sp.), Sapucaia (*Lecythis* sp.) Cupuaçu (*Theobroma* sp.) e Caju (*Anacardium* sp.) todos com 50% de frequência de citação. Já os homens apresentaram as maiores frequências para as espécies do manguezal como Mangueiro (*Rhizophora* sp.) e Mangueira (*Laguncularia* sp.) apresentando, respectivamente, 55% e 50% das citações (Tabela 3).

As mulheres citaram espécies frutíferas e medicinais, além das espécies presentes no manguezal demonstrando conhecimento de mais de um ambiente. Além disso, os usos dessas



espécies estão ligados principalmente à alimentação, construção de casas, instrumentos de trabalhos e remédios.

A análise do índice de Saliência Cultural (IS) foi utilizada para observar o domínio cultural em relação às espécies botânicas da região. Tendo em vista que aquelas que apresentam um alto IS são consideradas importantes para a comunidade. Sendo assim, a Mangueira (*Laguncularia sp.*) foi a espécie que apresentou o maior IS tanto para homens (0,450) quanto para as mulheres (0,417). Nessa perspectiva, percebe-se que o domínio cultural das espécies do mangue é semelhante para ambos os gêneros. No entanto, apesar das mulheres não estarem inseridas nas atividades econômicas ligadas diretamente com o ambiente do manguezal, elas apresentam conhecimento acerca da flora que compõe o ecossistema. Ressalta-se a frequência de citações (66,7%) para o Muruci (*Byrsonima sp.*) frutífera em abundância na ocasião do estudo, com o IS de (0,342) e Barbatimão (*Stryphnodendron sp.*) planta medicinal com IS de (0,317). Podemos afirmar, que o conhecimento ecológico local das mulheres em relação à flora é diverso.

Tabela 3: Lista livre gerada pelo programa *Anthropac Free lists* das 10 principais espécies mais citadas pelas mulheres e homens entrevistados em Salinópolis, Pará.

MULHERES (N= 6)				HOMENS (N= 21)			
Espécies	Frequência (%)	Classificação Média	Saliência	Espécies	Frequência (%)	Classificação Média	Saliência
Muruci	66,7	9,25	0,342	Mangueiro	55	4,82	0,379
Mangueiro	50	6	0,320	Mangueira	50	3,2	0,450
Mangueira	50	4,33	0,417	Coqueiro	45	5,67	0,290
Bacuri	50	6,67	0,335	Jarana	40	8,88	0,260
Barbatimão	50	7,67	0,317	Bacurizeiro	40	7	0,249
Coqueiro	50	6,67	0,336	Bacuri	35	4,86	0,276
Marupá	50	8	0,312	Tinteira	30	5,5	0,189
Sapucaia	33,3	10,5	0,153	Andiroba	30	13,67	0,109
Cupuaçu	33,3	19	0,033	Siriúba	30	6,67	0,154
Caju	33,3	4,5	0,248	Muruci	25	6,6	0,170

Fonte: questionários aplicados em campo.



Nas comunidades visitadas em São João de Pirabas, as espécies mais citadas pelas mulheres, foram as frutíferas como o Açaí (*Euterpe* sp.) que apresentou 75% de frequência, a Jaqueira (*Artocarpus* sp.), Coqueiro (*Cocos* sp.) e o Muruci (*Byrsonima* sp.), além das espécies do mangue Mangueiro (*Rhizophora* sp.), Mangueira (*Laguncularia* sp.) e Tinteiro (*Laguncularia* sp.) e as espécies medicinais como a Arruda (*Ruta* sp.) que apresentaram 50% e os homens as espécies provenientes do manguezal, como o Mangueiro (*Rhizophora* sp.) e a Mangueira (*Laguncularia* sp.) com frequências de 70,8% e 62,5% respectivamente (Tabela 4). Podemos afirmar que as espécies citadas pelos homens traduzem seus conhecimentos do local onde realizam suas principais atividades (pesca e extrativismo do caranguejo), neste caso o manguezal.

Em relação a análise do IS foi possível observar que tanto para as mulheres (0,461) quanto os homens (0,600) a espécie que apresentou uma alta taxa de IS foi Mangueira (*Laguncularia* sp.), sem diferença significativa. Portanto, os homens têm um domínio cultural no que diz respeito às espécies com maior grau de importância sobre o ambiente manguezal assim como as mulheres. Muito provavelmente devido as origens neste ambiente por ambos os gêneros.

Tabela 4: Lista livre gerada pelo programa *Anthropac Free lists* das 10 principais espécies mais citadas pelas mulheres e homens entrevistados em São João de Pirabas, Pará.

MULHERES (N= 5)				HOMENS (N= 24)			
Espécies	Frequência (%)	Classificação Média	Saliência	Espécies	Frequência (%)	Classificação Média	Saliência
Açaí	75	7	0,366	Mangueira	70,8	3,59	0,600
Jaqueira	50	8	0,233	Mangueiro	62,5	6	0,424
Coqueiro	50	4	0,362	Muruci	45,8	7,18	0,284
Arruda	50	11,5	0,117	Graviola	33,3	8,13	0,186
Muruci	50	3	0,325	Tinteiro	33,3	6	0,208
Mangueira	50	2,5	0,461	Tinteira	33,3	9,88	0,161
Mangueiro	50	6	0,368	Bacuri	33,3	6,75	0,231
Tinteira	50	7,5	0,329	Coqueiro	29,2	5	0,216
Murtinha	25	12	0,105	Caju	29,2	5	0,214
Mirim	25	4	0,211	Abacateiro	25	5,83	0,161

Fonte: questionários aplicados em campo.



De acordo com Albuquerque et al. (2010) a técnica de lista livre auxilia a compreender a dinâmica e o domínio cultural das comunidades. Neste estudo, os espécimes com maior índice de citação pelas mulheres das comunidades em ambos os municípios estão relacionados com o cuidado alimentar. Em concordância com Amaral et al. (2021 p. 338) que afirmam que “as mulheres circulam por vários ambientes, como os espaços da casa, dos quintais, da roça e estão presentes em diversas atividades”. Segundo o autor supracitado, embora as mulheres nem sempre busquem atividades visando à obtenção de renda, neste estudo observamos que as atividades realizadas pelas mulheres das comunidades visitadas têm cunho econômico tais como extração de ostras e cata da massa do caranguejo. Além disso, entende-se que a presença dos espécimes frutíferos na sua lista, esteja relacionado a sua dinâmica diária e seu convívio com as vegetações presentes em seus ambientes laborais.

As mulheres citaram também plantas de uso medicinais, demonstrando conhecimento sobre a funcionalidade da flora local. Essa afirmação se corrobora nos resultados dos estudos de Lobato et al. (2014) quando os autores constataram que as mulheres da Vila do Pesqueiro e no Povoado do Céu, na Ilha do Marajó (Pará), detinham conhecimento sobre o uso de plantas medicinais e despertando seus interesses para a fabricação de remédios caseiros que beneficiaram a população.

Ademais, as atividades exercidas pelas mulheres nos dois municípios deste estudo, estão relacionadas tanto ao âmbito domiciliar, quanto às atividades diretamente proporcionadas por seus conhecimentos ecológicos locais, tendo em vista as suas principais atividades produtivas e suas citações quando questionadas acerca da flora local.

De acordo com Almeida (2020), as mulheres assumem uma sobrecarga de funções sem o reconhecimento social de sua importância no processo de produção, demonstrando a invisibilidade do seu trabalho. Dessa forma, muitas vezes o trabalho feminino é “gratuito” e visto como “ajuda”, quando elas trabalham na elaboração, confecção e manutenção dos equipamentos, e suas atividades produtivas exclusivas. Conforme Vieira et al. (2013) as mulheres não têm o reconhecimento social necessário, pois as atividades exercidas por elas são de menor valor comercial, menor monetarização e menor valorização, enquanto trabalho.



4. CONSIDERAÇÕES

A divisão sexual de gênero ainda está presente na divisão social do trabalho de comunidades tradicionais. Nos municípios trabalhados, ambos localizados no Salgado Paraense, tais divisões são bem semelhantes. Os homens estão ligados a atividades realizadas no ambiente externo da casa, que são ditos como “mais perigosos” e que, conseqüentemente, rendem mais remuneração como a pesca e o extrativismo do caranguejo; já as mulheres, estão presentes nas atividades mais ligadas a configuração da casa, como a criação de animais, cuidado das crianças e agricultura, mesmo quando realizam atividades produtivas específicas.

Essas configurações se repetem no conhecimento ecológico local em relação as plantas. As principais citações dos homens estão relacionadas ao mangue, as vegetações encontradas e visualizadas no momento que ele vai fazer a sua pescaria ou extração do caranguejo. Em contrapartida, as mulheres citam as espécies que encontram em seus quintais, as suas áreas de extrativismo ou que usam para o preparo alimentício e de remédios. Desse modo, é de suma importância discutir o papel dessas mulheres nessas comunidades, a sua relevância para a manutenção do conhecimento ecológico local, uma vez que ela consegue estar presente em vários ambientes, seja no preparo de remédios ou no próprio beneficiamento da carne do caranguejo. Este trabalho buscou entender como a divisão do gênero se apresenta nos municípios estudados.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. et al. *Ethnobotany for beginners*. Springer International Publishing, 2017.
- ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica Aplicada para a Conservação da Biodiversidade. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: NUPEEA/Livro Rápido, 2004.
- ALENCAR, E. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) *Povo das águas – realidade e perspectiva na Amazônia*, Belém: MPEG, 1993. p. 63-81.
- ALMEIDA, A. F. Ecossistemas Costeiros Amazônicos: As transformações socioambientais do século XVII ao XXI. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 33, n. 52, p. 24-37, 2020.



AMARAL, W. R. da S.; FERNANDES, K. M.; CORRÊA, R. S.; SILVA, M. dos S. Mulheres, trabalho e segurança alimentar no Marajó, estado do Pará. In: MOTA, Dalva Maria da. *Soberania alimentar Biodiversidade, cultura e relações de gênero*. Brasília, DF: Embrapa, 2021. Cap. 12. p. 21-393 Brasília.

CARVALHO, E. A.; JARDIM, M. A. G. Usos sociais do manguezal por comunidades tradicionais no estado do Pará, Brasil. *Biota Amazônia (BioteAmazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota)*, v. 9, n. 2, p. 43-46, 2019.

CORRALO, G. da S.; GIRELLI, C. S. A hermenêutica diatópica como forma de diálogo entre nações multiculturais na aplicação dos direitos femininos na pós-modernidade. *Revista Justiça do Direito*. Passo Fundo, v. 29, n.3, p. 372-388, set./dez. 2015.

COSTA, E. R.; SOBRINHO, M. V.; ROCHA G. M. Conflitos socioambientais e perspectivas de governança em Unidades de Conservação: o caso da Floresta Estadual do Amapá, Amazônia, Brasil. *Desenvolvimento e Meio ambiente*, v. 49, 2018.

COSTA, T. C.; LIMA, R. L. Gênero e Tendências Contemporâneas: uma análise do Seminário Internacional “Desfazendo Gênero”. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 14, n. 2, p. 416-429, 2015.

CUNHA, A. C. M. Mestrado Profissional Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais. *Estudo Etnobotânico*. Nos Quintais Da Comunidade Quilombola De Monte Alegre, Cachoeiro De Itapemirim, Espírito Santo. 2015.

DA SILVA, A. P. R.; MANESCHY, M. C. Desenvolvimento e Equidade de Gênero. Experiência de um Projeto de Geração de Renda para Mulheres em uma Reserva Extrativista Marinha no Pará. 2020.

DE OLIVEIRA, R.; ANDERSON, S. E. Gênero, Conservação e Participação Comunitária: O Caso Do Parque Nacional. Gênero, Participação Comunitária e Manejo dos Recursos Naturais. n. 2, p. 16, 1999.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V., 2001. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. MMA.

DO ROSÁRIO, J. J. CULTURA, EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: Práticas de vida da mulher trabalhadora da maré: *Espaço Livre*, Vol. 5, N. 10, jul. /dez. 2010.

FERREIRA, S. D. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. Publicado na revista online CAMPO-TERRITÓRIO: *revista de geografia agrária*, v. 9, n. 17, p. 111-135, 2014;

FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, C. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. *Revista feminismo*, v. 2, n. 1, 2014.

FREITAS, A. C.; FURTADO-JÚNIOR, I.; TAVARES, M. C. da S.; BORCEM, E. R. Análise socioeconômica e esforço de pesca na captura do caranguejo-uçá—*Ucidescordatus* (Crustacea: Ucididae)—na Reserva Extrativista



Maracanã—costa Amazônica do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, p. 711-722, 2015.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução de Fátima Murad. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HUGUENIN, Fernanda Pacheco; MARTÍNEZ, Silvia Alicia. Mulheres da pesca: invisibilidade e discriminação indireta no direito ao seguro-desemprego. *Direito Público*, v. 18, n. 97, 2021. Disponível em <https://portal.idp.emnuvens.com.br/direitopublico/article/view/5038/0>. Acesso em 09 julho de 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/salinopolis/panorama>. Acesso em 10 jul. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-joao-de-pirabas/panorama>. Acesso em 09 jul. 2021.

JUNIOR, S. R. da S.; MANESCHY, M. C.; RIBEIRO, T. G.; DA SILVA, T. I. Desafios da gestão participativa de recursos naturais em uma Reserva Extrativista Marinha no Pará. *Novos Cadernos NAEA*, v. 21 n. 2; p. 173-191. 2018.

LEAL, L.; FILIPAK, A.; DUVAL, H.; FERRAZ, J. M.; FERRANTE, V. L. Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, v. 7, n. 14, p. 31-54, 2020.

LOBATO, G. de J. M.; TAVARES-MARTINS, A. C. C.; LUCAS, F. C. A.; MORALES, G.P.; ROCHA, T. T. Reserva Extrativista Marinha de Soure, Pará, Brasil: modo de vida das comunidades e ameaças ambientais. *Biota Amazônia (BioteAmazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota)*, v. 4, n. 4, p. 66-74, 2014.

MARINHO, R S. Faces da expansão urbana em Salinópolis, zona costeira do Estado do Pará /Rogério Souza Marinho; orientador, Gilberto de Miranda Rocha. – 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2009.

MARINHO, R S. Pequenas cidades do nordeste do Pará: maritimidades da Amazônia. 2017.

MMA – MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Atlas dos Manguezais do Brasil*. Brasília: 2018. 1 atlas. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/manguezais/atlas_dos_manguezais_do_brasil.pdf. Acesso em: 7 out. 2021.

MMA – MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. SNUC 2020. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/areas-protegidas.html>. Acesso em 09 out. 2021.



OLIVEIRA, F. P.; SOUSA G. T.; SILVA, K. L. C.; FERNANDES, M. E. B. Os Saberes Tradicionais Dos Pescadores De Caranguejo-Uçá E O Manguezal: O Caso De Tamatateua, Bragança-Pará, Costa Amazônica Brasileira. *Nova Revista Amazônica*, v. 7, n. 3, p. 109-128, 2019.

OLIVEIRA, F. P.; VIEIRA, N. C.; JÚNIOR, S. R. As Famílias do Mangue e Suas Práticas Holísticas: Um Estudo no Nordeste Paraense, Amazônia, Brasil. *Amazônica. Revista de Antropologia*, v. 9, n. 1, p. 316-337, 2018.

ONU – Organização das Nações Unidas. Glossário de termos do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. In: Organização das Nações Unidas. *Glossário de termos do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Copyright, p. 36. 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/05/Glossario-ODS-5.pdf>. Acesso em: 06 out. 2021.

PEREIRA M. A.; TREDEZINI, C. A. O. Potencialidades e desafios dos parques nacionais para a agricultura familiar. *ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade*, v. 3, n. 2, 2011.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio ambiente*, v. 22, 2010.

REZENDE, R. S. Agroextrativismo e pagamentos por serviços socioambientais: reflexões a partir das Reservas Extrativistas da Terra do Meio (PA). *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 1, p. 172-189, 2020.

RIOS, M. et al. *Benefícios das plantas da capoeira para a comunidade de Benjamin Constant, Para, Amazonia Brasileira: The benefits of plants from secondary forests to the community of Benyamin Constant in Para State, Brazilian Amazon*. Center for International Forestry Research, 2001.

SHANLEY, P.; CYMERYS, M.; GALVAO, J. *Frutíferas da mata na vida amazônica*. 1998.

SILVA, A. G. Processo de ocupação do litoral sul de João Pessoa (PB): a expansão urbana e turística e os impactos socioambientais. Dissertação (Curso de Geografia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. p. 3-78, 2002.

SOUZA, C. B. G. A gestão dos recursos naturais na Amazônia: a Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá-PA. *Revista Geografar*, v. 5, n. 1, 2010.

SOUZA, C.A.; DUARTE, L.F.A.; JOÃO, M.C.A. & PINHEIRO, M.A.A. Biodiversidade e conservação dos manguezais: importância bioecológica e econômica. *Educação Ambiental sobre Manguezais. São Vicente: Unesp*, p. 16-56, 2018.

SUTROP, U. List Taskand a Cognitive Salience Index. *Field Methods*, v.3, n.13, p 263-276. 2001.



TÁVORA, V. de A.; FERNANDES, A. C. S.; FERREIRA, C. S. Ilha de Fortaleza, PA—Expressivo registro de fósseis do Cenozoico marinho do Brasil. *Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil. Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP)*, Brasília, v. 1, p. 139-144, 2002.

TEIXEIRA, T. H.; MOREIRA, D. C.; DA SILVA, N. T. C. Territórios, populações tradicionais e conflito: a realidade da reserva extrativista extremo norte do Tocantins, Brasil. *Sémata: Ciências Sociais e Humanidades*, n. 30, 2018.

TROTTER, R. T.; LOGAN, M. H. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. Pp. 91-112. In: N.L. Etkin (ed.). *Plants in Indigenous medicine and diet: biobehavioral approaches*. New York, Redgrave Publishing C. 1986.

VIEIRA, N. et al. Divisão Sexual do Trabalho e Relações de Gênero em Contexto Estuarino-Costeiro Amazônico Amazôn., *Rev. Antropol. (Online)* 5 (3) especial: 806-835, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/1606>. Acesso em: 06 out. 2021.



SOBRE A AUTORIA

Regina Oliveira da SILVA

Possui graduação em Ciências Biológicas mestrado em Biologia (Ecologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e doutorado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. Pesquisadora Titular III - Museu Paraense Emílio Goeldi. Atualmente é colaboradora na pós-graduação-Ciências Ambientais da Universidade do Estado do Pará, e da Universidade Federal do Pará; professora permanente no Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas- INPA, e na Pós-graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Goeldi. Tem experiência na área de Biologia Geral, Etnociências e Gênero com ênfase em manejo e conservação dos Recursos Naturais por populações tradicionais e Quilombolas na Amazônia. Atua na elaboração de planos de manejo e diagnósticos participativos para criação de Unidade de Conservação. Pesquisa os seguintes temas: Amazônia, comunidades tradicionais, unidades de conservação, política ambiental e conhecimento tradicional e tecnologias sociais.



CARVALHO, T. M. S.; SILVA, R. O.

Divisão sexual do trabalho e do conhecimento ecológico no Salgado Paraense
| Artigo

Thaís Mayara da Silva CARVALHO

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade da Amazônia (2020). Foi bolsista de Iniciação Científica pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) vinculado ao CNPq na área de Ecologia Humana com ênfase em Etnobiologia na Coordenação de Ciências Humanas e do Instituto Evandro Chagas, na Seção de Parasitologia (SAPAR), atuando no Laboratório de Pesquisas Básicas de Malária - Entomologia. Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), desde 2022, desenvolvendo pesquisa voltada para a prevalência e incidência de infecções sexualmente transmissíveis na comunidade LGBTQIA+ e mulheres profissionais do sexo. Tem interesse pelas áreas de Infecções Sexualmente Transmissíveis e Estudos de Gênero.

Submissão: 18 de agosto de 2021

Avaliações concluídas: 26 de abril de 2022

Aprovação: 24 de maio de 2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

CARVALHO, Thaís Mayara da Silva; SILVA, Regina Oliveira da. Divisão sexual do trabalho e do conhecimento ecológico local nos municípios de Salinópolis e São João de Pirabas no Salgado Paraense. Revista *Temporis(ação)*: periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás. Cidade de Goiás; Anápolis. v. 22, n.2, . 01-23, jul./dez., 2022. Disponível em:

<<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>